



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA INSTITUTO
FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS *CAMPUS*
PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ESTER LIMA CARVALHO DIAS

**A CONSTRUÇÃO DO HERÓI NA FIGURA DO CAPITÃO RODRIGO, EM *O TEMPO*
E O VENTO – O CONTINENTE, DE ÉRICO VERÍSSIMO**

PALMAS
2025

ESTER LIMA CARVALHO DIAS

A CONSTRUÇÃO DO HERÓI NA FIGURA DO CAPITÃO RODRIGO, EM *O TEMPO E O VENTO* – *O CONTINENTE*, DE ÉRICO VERÍSSIMO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do
curso Superior de Letras -
Habilitação em Língua
Portuguesa, do Instituto federal do
Tocantins - Campus Palmas, como
exigência à obtenção do título de
Licenciada em Letras.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. David Siqueira Fontes Neto
Orientador
IFTO – *campus* Palmas

Profª. Dra. Dianine Censon Lopes
IFTO – *campus* Paraíso do Tocantins

Profª. Dra. Viviane Cristina Oliveira
UFT – *campus* Porto Nacional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

D541c Dias, Ester Lima Carvalho
A Construção Do Herói Na Figura Do Capitão Rodrigo, Em O
Tempo E O Vento – O Continente, de Érico Veríssimo. / Ester Lima
Carvalho Dias. – Palmas, TO, 2026.
33 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,
2026.

Orientador: Me. David Siqueira Fontes Neto

1. Literatura brasileira. 2. O tempo e o vento. 3. Capitão Rodrigo.
I. Neto, David Siqueira Fontes. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).**

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso à minha família, aos meus amigos e, em especial, ao meu marido, Thiago Dias, pelo amor, incentivo constante e apoio ao longo dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, a Deus, por ter-me concedido forças ao longo desta caminhada acadêmica. Não foram meses fáceis, mas, por meio de sua misericórdia, pude seguir adiante nesta jornada, que agora se encontra na etapa final. Agradeço à minha família, que sempre me apoiou e me incentivou com palavras de força e motivação. Agradeço, de forma carinhosa e especial, às minhas amigas. À Daniella Lima, que sempre me contagia com sua alegria e vontade de viver, ensinando-me a não me limitar às opiniões alheias e que, nos momentos de tristeza e sentimentos de solidão, motiva-me a sair, contemplar o mundo e reencontrar risadas. À minha amiga Lorena, que sempre encontra disposição para novas aventuras e momentos de descanso mental, além de estar constantemente pronta para ouvir minhas queixas sobre a vida, uma verdadeira amiga-mãe. Aos meus amigos de faculdade, Matheus Augusto e Matheus Brito, agradeço por trazerem alegria durante esses quatro anos de graduação. A amizade de vocês remete-me à infância, com brincadeiras simples e o sentimento reconfortante de estar ao lado de grandes irmãos. Às minhas amigas: Tarsila, que traz leveza e paz por onde passa; Rafaela, que, por meio de seus abraços quentinhos, transmite carinho e a sensação de segurança; Livia, que aparenta ser séria, mas revela-se uma pessoa doce e afetuosa, cuja amizade ensinou-me que a vida é repleta de oportunidades, bastando ter coragem para alcançá-las; e Hellen, que transmite calma e, ao mesmo tempo, proporciona momentos de muitas risadas, demonstrando que a alegria pode surgir mesmo sem um motivo concreto. Por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu marido, Thiago Dias, que, ao longo desses quatro anos, acompanhou toda a minha trajetória. Nos momentos difíceis, esteve ao meu lado e me consolou; nos momentos alegres, foi o mais entusiasmado entre nós; e, quando precisei de momentos de recolhimento, respeitou a solidão de que eu necessitava. Obrigada por tudo.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a figura do herói na literatura, compreendida para além das representações idealizadas ou sobrenaturais, destacando suas diferentes tipologias ao longo da história literária. A pesquisa tem como objeto de estudo o romance *O Tempo e o Vento – O Continente*, de Érico Veríssimo, obra inserida na segunda fase do Modernismo brasileiro, que retrata a formação histórica e social do Rio Grande do Sul por meio da trajetória da família Terra Cambará. Nesse contexto, o estudo aborda o personagem Capitão Rodrigo Cambará, figura central da narrativa, cuja personalidade carismática, marcada pela busca por liberdade, pela ação e pelo enfrentamento de conflitos, o consolida como um símbolo de heroísmo literário. O objetivo do trabalho é analisar e compreender as características desse personagem, relacionando-as aos principais arquétipos do herói na literatura. Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa, baseada em análise literária do romance, com foco no capítulo *Um certo Capitão Rodrigo*, além de revisão bibliográfica fundamentada nas teorias de Feijó e Campbell. A partir dessa análise, o trabalho buscou identificar aproximações e distanciamentos entre o personagem e os modelos heroicos clássicos, por meio dos personagens literários Aquiles e Vasco da Gama. Concluindo acerca da complexidade da construção do heroísmo na obra, por meio de comparações e análise do capitão Rodrigo.

Palavras-chave: Literatura brasileira; O tempo e o vento; Capitão Rodrigo.

ABSTRACT

This paper presents a reflection on the figure of the hero in literature, understood beyond idealized or supernatural representations, highlighting its different typologies throughout literary history. The research focuses on the novel *O Tempo e o Vento – O Continente* (Time and the Wind – The Continent), by Érico Veríssimo, a work inserted in the second phase of Brazilian Modernism, which portrays the historical and social formation of Rio Grande do Sul through the trajectory of the Terra Cambará family. In this context, the study addresses the character Capitão Rodrigo Cambará, a central figure in the narrative, whose charismatic personality, marked by the search for freedom, action, and confrontation of conflicts, consolidates him as a symbol of literary heroism. The objective of the work is to analyze and understand the characteristics of this character, relating them to the main archetypes of the hero in literature. To this end, a qualitative approach is adopted, based on a literary analysis of the novel, focusing on the chapter “A Certain Captain Rodrigo,” in addition to a bibliographic review based on the theories of Feijó and Campbell. Based on this analysis, the study seeks to identify similarities and differences between the character and classic and contemporary heroic models, highlighting the complexity of the construction of heroism in the work.

Keywords: Brazilian literature; *O tempo e o vento*; Capitão Rodrigo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FIGURA DO HERÓI.....	10
2.1 Caracterização do tipo heroico.....	11
2.2 O herói na literatura: concepções teóricas e arquétipos.....	13
2.3 Rodrigo Cambará e a construção do herói literário.....	14
3 ORIGENS DO PERSONAGEM.....	17
3.1. Jornada do herói.....	18
3.2. A reconfiguração do herói épico em Rodrigo Cambará.....	27
3.3 Contradições ao aspecto trágico.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS:.....	32

1 INTRODUÇÃO

Quando o tema é herói, logo pensamos em seres superiores, que precedem de outro mundo ou de outra galáxia, ou até mesmo uma pessoa comum, que por algum acidente foi submetido a fatores químicos, tecnológicos ou místicos que possibilitaram passar por mudanças mentais ou biológicas. Mas na verdade a caracterização do herói vai além disso. Desde a Grécia antiga até os dias atuais temos registros de tipologias heróicas, percorrendo por séculos por diferentes representações na literatura. Sendo assim, podemos considerar que “O herói é o mito mais antigo, mais comum e mais conhecido de toda a humanidade porque tem forte poder de sedução e importância psicológica profunda”. (Motta, 2011, p.185).

Partindo disso, um dos maiores escritores do Brasil, em suas obras refletem os imaginários e críticas da humanidade, Érico Veríssimo publica em 1949, *O Tempo e o Vento*, que inaugura a trilogia composta também por *O Retrato* (1951) e *O Arquipélago* (1962). A obra retrata a formação histórica e social do Rio Grande do Sul, narrando dois séculos históricos através da história da família Terra Cambará, cuja origem se estabelece a partir da trajetória de Pedro Missioneiro, filho de uma mulher indígena violentada por um bandeirante nas terras dos Sete Povos das Missões. Criado sob influência religiosa e em meio às disputas territoriais entre Portugal e Espanha, Pedro é marcado por uma dimensão mística e trágica que atravessa toda a narrativa.

A partir de sua relação com Ana Terra nasce Pedro Terra, que dá continuidade à linhagem familiar e se estabelece no povoado de Santa Fé, espaço central da saga. É nesse cenário que a narrativa apresenta a chegada de Capitão Rodrigo Cambará, figura carismática e aventureira, cuja presença altera o destino da comunidade e desperta o interesse de Bibiana Terra. Movido pela busca constante de ação e liberdade, o personagem vive intensamente o amor, a guerra e os conflitos pessoais, consolidando-se como símbolo heroico. Sua morte em campo de batalha reafirma a tradição ou destino dos Cambará: “Na minha família quase ninguém morre de morte natural [...]. Os Cambarás homens têm morrido em guerra, duelo ou desastre. Há um ditado: ‘Cambará macho não morre na cama’” (Veríssimo, 1995, p. 189).

Partindo disso, quem foi Érico Veríssimo, autor dessa obra, que contribui para a literatura brasileira? Nascido em 1905 em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, segundo Frazão (2024), Érico Lopes Veríssimo foi um dos romancistas brasileiros do século XX, que abordou em suas obras a

complexidade das relações humanas e sociais em diferentes contextos históricos. Em sua jornada literária, iniciada na década de 1930, Érico publica obras como *Clarissa* (1933), *Caminhos cruzados* (1935), *Olhai os lírios do campo* (1938), *Música ao longo* (1935), *Um lugar ao sol* (1936), e a trilogia *O tempo e o vento vol. I* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1962). Segundo Bosi (1994), Veríssimo “Transcendeu o regionalismo descritivo, criando uma obra em que o homem do Sul se torna símbolo da condição humana”.

A obra *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, insere-se no contexto estético do Modernismo brasileiro, especialmente na vertente consolidada na década de 1930. Conforme Agnoletto e Souza (2019), o autor é considerado um romancista realista que integra o movimento literário brasileiro do século XX, destacando-se no chamado Modernismo de 30. Nesse período, a literatura brasileira passa a enfatizar uma postura mais crítica e social, buscando representar as contradições históricas e as tensões da formação nacional. Candido (2000) diz que a literatura brasileira do século XX passa a refletir de maneira mais crítica sobre o indivíduo e a sociedade em que está inserido, superando o regionalismo descritivo e alcançando uma dimensão de unidade no todo, ou seja, universalidade de ser comum a todos, aplicável a todos os indivíduos. Partindo desses conceitos, destaca-se em meio ao movimento modernista, na segunda fase. A obra *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, apresenta ao leitor um ambiente regional do Rio Grande do Sul e aprofunda seu enredo nas questões de poder, perpassando por conflitos regionais, pessoais e familiares, a violência do homem e o mito do heroísmo.

Dessa forma, *O tempo e o vento* ocupa um lugar único na literatura brasileira, por trazer uma amplitude em sua narrativa, abordando de forma histórica e regional a trajetória do Rio Grande do Sul, por meio de uma família e consequentemente a complexidade em que um personagem pode chegar a se tornar um herói. A saga da família Terra Cambará traz, ao longo da trilogia, uma representação fictícia da construção do Rio Grande do Sul e a formação da identidade nacional, marcada por conflitos, paixões e pertencimento ao nacional, neste caso evidenciados nos personagens principais. Um deles é Rodrigo Cambará, um homem gaúcho que luta pelo povo e por seus ideais que carrega ao longo da trama, levando-o a um fim, considerado por ele, digno de homem Cambará.

Este trabalho teve como objetivo analisar e compreender as características do personagem literário Capitão Rodrigo Cambará, tendo como base alguns arquétipos do herói na

literatura e a trajetória do herói literário. Partindo desta contextualização acerca da obra, este trabalho teve como abordagem o método qualitativo, que buscou compreender e interpretar as características do personagem literário, relacionando-as aos arquétipos heroicos e à análise da trajetória do herói. Tendo em vista tal objetivo, como procedimento metodológico, será realizada uma análise literária do romance *O Tempo e o Vento – O Continente*, de Érico Veríssimo, focando no personagem Capitão Rodrigo. A análise foi feita por intermédio de leituras e reflexões acerca das ações, valores e traços de personalidade do personagem literário.

Foram realizadas revisões bibliográficas com o objetivo de identificar os principais arquétipos de heróis clássicos e contemporâneos, possibilitando uma melhor compreensão e comparação do personagem Rodrigo Cambará. Para a análise crítica do Capitão Cambará, foi considerado apenas o capítulo *Um certo Capitão Rodrigo*, para categorizar ações, discursos, atitudes e valores, que apresentaram aspectos heróicos, seguindo as teorias de Feijó (1984) e Campbell (2007). Por fim, foram feitas seleções de características do personagem, a fim de comparar com os arquétipos heroicos, observando possíveis semelhanças e diferenças.

2 FIGURA DO HERÓI

Ao refletir sobre a construção da figura heróica na literatura, observa-se que esse termo é comum nos dias atuais, embora tenha origens em muitos séculos passados, moldando uma imagem que impacta, e continua a impactar, diversas sociedades. Partindo dessa ideia, antes de datar ou categorizar tais indivíduos ficcionais, é interessante atentar para os diversos sentidos possíveis da palavra herói.

De acordo com o dicionário online de português (2009), o verbete “herói” atribui o sentido de “Aquele que se distingue por seu valor ou por suas ações extraordinárias, corajosas; corajoso, valente”. Na literatura, é o “principal personagem de uma obra literária (poema, romance, peça de teatro etc.) ou cinematográfica; protagonista”. Já na mitologia, diz-se ser um “nome dado pelos gregos aos grandes homens divinizados”. Quanto à etimologia, “A palavra herói tem sua origem no grego *“heros,oos”* com sentido de líder, nobre, mortal elevado a semideus”.

Para Feijó (1984), ao considerar os sentidos atribuídos à origem da palavra, percebe-se que civilizações antigas traziam em suas raízes culturais mitos, ritos e cultos dedicados a diversos antepassados que se destacaram em suas comunidades, ou seres sobrenaturais que estiveram presentes desde o início do mundo, originando, assim, os seus próprios heróis. De forma semelhante, os gregos atribuíram nomes a esses heróis já existentes, que perduraram até os dias de hoje, preservando esses mitos em sua forma puramente literária, sem haver uma fusão religiosa ou até mesmo política. Na mitologia grega, o herói configura-se como uma figura que, embora dotada de feitos extraordinários, mantém vínculos com o cotidiano e com o imaginário coletivo de seu povo, funcionando como um arquétipo que expressa e reforça os valores, crenças e a visão de mundo da comunidade representada.

Sendo assim, pode ser considerado que o nascimento do herói provém dos mitos e contações de histórias (histórias contadas por meio da oralidade, sem necessariamente terem algum registro escrito), perdurando na literatura contemporânea que encontramos nos dias atuais. Conforme Nayra Oliveira:

[...] As transformações sociais implicam no modo como os sujeitos percebem e se percebem no mundo, fazendo com que determinados conceitos venham a ser repensados e, por conseguinte, ressignificados, revelando o caráter social da linguagem. Este movimento de ressignificação ocorreu com o conceito de herói, que ao longo dos tempos foi sendo repensado de acordo com os grupos sociais, refletindo sempre aspectos culturais que os indivíduos compartilham. Isto nos revela que embora

tenhamos uma raiz comum para o conceito de herói, o mesmo não se demonstra estanque, ao passo em que cada grupo poderá subverter determinados aspectos para aproximar seu significado ao perfil do sujeito ao qual tal termo servirá enquanto expressão de seu papel social em uma determinada comunidade cultural. (Oliveira, 2013, p.2).

Nesse sentido, é pertinente questionarmos qual o papel e possíveis influências dos personagens heroicos na literatura, uma vez que cada sociedade pode atribuir uma significação para seus heróis. Sales e Barbosa (2013) argumentam que o papel do herói na literatura é fundamental para a construção de narrativas que abordam valores, conflitos e a identidade cultural de uma sociedade. O herói pode atuar como símbolo do arquétipo que representa aspectos universais da condição humana, como coragem, resistência, moralidade e destino.

2.1 Caracterização do tipo heroico

Na história literária temos vários heróis que se mostraram marcantes entre os mitos. Dentre eles podemos citar Aquiles, que segundo Feijó (1984, p. 33-34), foi um herói na posição de semideus na mitologia grega, filho de um mortal chamado Peleu e sua mãe, uma ninfa, chamada Tétis. Com a chegada da grande guerra em Tróia, os gregos vão em busca de Aquiles, pois, por intermédio do oráculo, foi entregue uma profecia de que sem tal guerreiro a vitória não seria alcançada pelo povo grego.

O herói, por sua vez, com os conselhos de sua mãe, resolve fugir e esconder-se disfarçado de mulher, entre as filhas do rei Licômedes, plano esse que não foi bem-sucedido, ao ser encontrado e encaminhado para a grande guerra. Aquiles lutou bravamente contra Tróia, contudo, seu inimigo descobriu sua única fraqueza, seu calcanhar que era vulnerável, pois quando criança sua mãe o mergulhou no sagrado rio *Estige*, a fim de torná-lo imortal, porém o segurou pelo calcanhar, sendo assim o único lugar que não foi mergulhado pelo rio. Seu inimigo, ao saber disso, o atinge, e Aquiles é morto em campo de batalha, deixando seu legado de herói.

Portanto, Aquiles não se apresenta apenas como um personagem mítico da mitologia grega, mas como uma representação concreta do papel que a figura heroica desempenha dentro de uma sociedade. Sua história reúne elementos recorrentes do imaginário coletivo, como coragem, honra, sacrifício e a busca por um destino grandioso, que, segundo Campbell (2007), compõem a estrutura simbólica do herói.

Outro herói que destacou-se na literatura e no imaginário do herói foi Vasco da Gama, segundo Rodrigues (2020), aponta que o personagem foi um alto fidalgo da corte portuguesa e filho de Estêvão da Gama. Destacou-se por possuir vastos conhecimentos em astronomia, navegação e matemática, consolidando a sua carreira na marinha portuguesa, tendo iniciado em 1492, sob o reinado de D. João II, onde serviu em Setúbal e no Algarve, retaliando navios franceses e sendo considerado extremamente eficaz em seu trabalho. No contexto do reinado de D. Manuel I, Vasco da Gama liderou a armada que chegou à Índia em 1498, em uma campanha de expansão e descobertas. Esta viagem é o foco da epopéia "Os Lusíadas", de Luís de Camões, que narra sua jornada heróica.

Na obra, Vasco da Gama e sua tripulação enfrentam provações no mar e obstáculos divinos (liderados por Baco), mas são protegidos por Vênus, conseguindo espalhar a fama de Portugal e realizar a união do Ocidente e do Oriente. O destino final de Vasco da Gama, após as viagens seguintes à Índia, foi a conquista da liberdade e do domínio sobre os dois mundos. Esse domínio é simbolizado pelo vice-reinado que ele conduziu na Índia no ano de sua morte (1524), quando ele assume um status de herói como "imperador", manejando o "centro do domínio" e utilizando a profunda sabedoria adquirida.

A história de Vasco da Gama ganha importância para a literatura principalmente porque serve de base para a construção épica realizada por Camões em *Os Lusíadas*. Essa figura heróica é reelaborada literariamente como um herói dotado de coragem, domínio estratégico em guerra e liderança, características que reforçam o ideal heroico explorado na obra. Camões transforma a expedição em uma narrativa que combina fatos históricos e elementos míticos, como a intervenção de deuses e forças simbólicas, elevando a jornada do navegador a um patamar universal (Moisés, 2012). Dessa forma, Vasco da Gama ultrapassa seu papel histórico e passa a representar, dentro da literatura, um instrumento de afirmação identitária, especialmente no contexto das grandes navegações, em que Portugal se encontrava na posição de potência marítima. A obra contribuiu para que se pudesse suscitar reflexões sobre poder, conquista e memória cultural, aspectos que dialogam diretamente com os estudos literários contemporâneos.

Ao analisarmos as figuras ficcionais de Aquiles, Vasco da Gama e Fabiano não estamos apenas retomando uma narrativa antiga ou clássica, mas observando como ela reflete uma parcela dos valores e conflitos de seus tempos, funcionando como um espelho cultural que

reforça ideais e identidades. O herói pode ser usado como fundamento teórico para compreender o herói, ao longo da história literária, nascendo das necessidades simbólicas e sociais de cada contexto, perpetuando-se como figura essencial na construção do imaginário humano.

Dessa forma, o herói sendo essa figura mística, divina ou comum a em diversas sociedades, percorreu a imaginação da humanidade por milhares de anos, refletindo desejos ocultos dos escritores, revoltas sociais, busca por uma sociedade justa ou utópica.

2.2 O herói na literatura: concepções teóricas e arquétipos

A temática do herói tem despertado, ao longo do tempo, o interesse contínuo de diversos estudiosos, inspirando a produção de livros, artigos científicos e teses dedicadas à compreensão da origem de heróis na literatura. Tal recorrência evidencia que o estudo do herói não se trata de uma abordagem pontual, mas de um tema de investigação consolidado, que atravessa distintas épocas, correntes teóricas e contextos culturais.

Nesse sentido, diversos autores apresentam análises sobre os múltiplos tipos de heróis, suas funções simbólicas e seus processos de construções narrativas, demonstrando que, para cada contexto de pesquisa e análise, o heroísmo se revela um elemento relevante para a interpretação das obras literárias. Como exemplo, Nayra Oliveira (2013) em “*A construção da identidade heroica na personagem Capitão Rodrigo Cambará na obra O continente, de Érico Veríssimo*” traz em seu estudo, acerca da construção heroica no personagem Rodrigo Cambará, de forma sintetizada, a concepção de herói ao longo da história da literatura.

Enquanto Martin Feijó (1984) em “*O que é herói*” traz uma retrospectiva do nascimento do herói, surgindo como um mito, em culturas de povos primitivos, e como isso sobreviveu e existe há tantas eras. O autor aponta que “um mito sobrevive num povo não porque lhe explique a sua realidade, mas por refletir um aspecto real desse mesmo povo e até de todos nós: os mitos refletem sempre um medo da mudança” (1984, p. 5) o autor também destaca a representação do mito e do herói, “o mito seria, então, um consolo contra a história. E o herói, um consolo contra a fraqueza humana”. (1984, p. 6). Cada herói existe com um propósito, seja ele para suprir suas convicções próprias ou para alcançar um bem maior a sua comunidade. Segundo Feijó (1984) podem ser considerados diversos arquétipos de heróis, o herói clássico, épico, histórico, do cotidiano, anti-herói, trágico e entre outros.

Dentre os principais autores que trabalharam com a temática do herói, está Joseph Campbell (2007) com a obra “*O herói de mil faces*”, fazendo um grande apanhado de diversos heróis marcantes ao longo da história literária. Em suas pesquisas aponta que toda a história heroica provém de uma única fonte, como se houvesse uma fórmula não necessariamente imposta, mas quase como um senso comum entre os escritores, tendo por resultado um esquema denominado *trajetória do herói* ou *monomito* (arquétipo universal), no qual os personagens heroicos percorrem quase os mesmos tipos de conflitos, sejam internos ou sociais, até chegar no seu ápice e analisar sua trajetória de forma heroica. Assim, os diferentes personagens heroicos podem ser fontes de inspiração para diversas finalidades e contextos distintos, não sendo produzidos com uma finalidade única.

Por isso, a arte de interpretar não pode ser deixada de lado, por ser nela que reside a riqueza de sentidos possíveis. Dentro dessa perspectiva, a obra *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo (1995), também se abre a olhares críticos e dedutivos sobre suas múltiplas camadas interpretativas, especialmente no que diz respeito aos personagens e à construção do enredo ao longo da narrativa.

2.3 Rodrigo Cambará e a construção do herói literário

Dentre os personagens mais intrigantes no livro, que possuem possibilidades para análise literária, temos o Capitão Rodrigo Cambará, que destaca-se como um dos personagens centrais tanto pela força dramática quanto pelo papel heroico que carrega na narrativa. Sendo descrito por Érico Veríssimo com riqueza de detalhes, estabelece desde o início uma atmosfera de mistério, orgulho e contradição.

Rodrigo surge como um forasteiro cuja presença rompe a estabilidade da comunidade e inaugura uma série de transformações que atravessam não somente a vida dos habitantes, mas também a própria estrutura narrativa do romance:

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o Cap. Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chinelas de prata e o busto musculoso apertado num dólmã militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. (Veríssimo, 1995, p. 171).

Neste trecho, que se trata do início do capítulo “Um certo Capitão Rodrigo”, a figura é apresentada e caracterizada fisicamente, mas emerge como um homem de força, liberdade e suspeito aos olhos da Vila de Santa Fé. Sua chegada repentina, “vindo ninguém sabia de onde” (Veríssimo, 1995, p. 171), já o posiciona como o estrangeiro, aquele que rompe a rotina da comunidade e instaura dúvidas para os residentes. O mistério que o rodeia pode funcionar como estratégia estética que ativa no leitor a expectativa de aventura, de confronto e de transformação, elementos fundamentais de um herói literário.

Rodrigo Cambará, desde o momento em que se apresenta aos moradores, mostra-se como um indivíduo afrontoso e que não é homem que leva desaforo para casa, mas ao mesmo tempo procura apaziguar os mal-entendidos, como no trecho descrito abaixo:

—Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!
[...]
—Pois dê!
Os outros homens afastaram-se, como para deixar a arena livre. E Nicolau, atrás do balcão, começou a gritar:
—Aqui dentro não! Lá fora! Lá fora!
Rodrigo, porém, sorria, imóvel, de pernas abertas, rebenque, pendente do pulso, mãos na cintura. Olhando para o outro com um ar que era, ao mesmo tempo, de desafio e simpatia.
—Incomodou-se, amigo? - Perguntou, Jovial, e examinando o rapaz de alto abaixo.
—Não sou de briga, mas não costumo aguentar desaforo.
(Veríssimo, 1995, p. 171).

Desse modo, Cambará, em tentativas de se estabelecer na cidade, enfrenta empecilhos provindos dos moradores e de líderes da vila, que o interpretaram como ameaça à comunidade. Padre Lara o aconselha, pois Ricardo Amaral, líder da vila, o quer longe.

—É quem manda neste povoado e nestes campos ao redor de Santa Fé. Ninguém fica aqui sem o consentimento dele. [...]
—Mas esse homem nem me viu ainda. Como é que já não gosta de mim?
—Pois aí é que vosmecê se engana. O Cel. Amaral já sabe quem é vosmecê, donde vem e o que pretende. Ele me disse que não ia permitir que vosmecê ficasse no povoado, porque não quer saber de barulho.
—Mas eu não vou fazer barulho, já disse! - gritou Rodrigo.
Sua voz ecoou na praça e depois se dissolveu no ar.
—Está vendo? Diz que não vai fazer barulho e está quase brigando comigo. Vosmecê tem sangue quente, capitão.
—Que é que eu vou fazer? Nasci assim e estou velho demais pra mudar. (Veríssimo, 1995, p. 202).

O personagem cogita o afastamento daquela província, contudo, em um encontro inesperado, apaixona-se por Bibiana, em um dia de finados, quando visitava e levava flores às sepulturas. Rodrigo, encantado pela moça, não conseguiu deter seu olhar sobre a menina,

encarando-a diretamente. “Achava-a tão bonita, que tivera o desejo de dirigir-lhe a palavra, sob qualquer pretexto. Podia perguntar-lhe de quem era a sepultura diante da qual estava ajoelhada. [...] Tinha gostado da cara da rapariga. Mais que isso: tinha ficado excitado” (Veríssimo, p. 188, 1995). Pensamentos estes que o levaram à determinação de tê-la para si, contudo, Bibiana é moça de família e não estaria à disposição de qualquer “rapagão” que a quisesse. Bibiana não era somente uma moça bonita da vila, mas sim a grande paixão de Bento Amaral, filho do chefe da Vila, Cel. Ricardo Amaral, e para Capitão Rodrigo, o desejo de ter a moça se tornou questão de política, honra e seus profundos sentimentos.

—Agora é tarde, padre - gritou Rodrigo.- Se eu não botar minha marca na cara desse cachorro, não me chamo mais Rodrigo cambará.

[...]

—Arma de fogo? perguntou Rodrigo.

—Adaga

Os olhos de Rodrigo brilharam.

—É melhor. leva mais tempo. (Veríssimo, 1995, p. 232).

O duelo entre Rodrigo e Bento Amaral ocasionou consequências drásticas, tanto para Rodrigo quanto para Bento, pois Rodrigo conseguiu sobreviver ao duelo, porém gravemente ferido. Bento Amaral também conseguiu sobreviver à luta, porém com a sua dignidade ferida, e sua face marcada incompletamente com a letra *R*. Capitão Rodrigo sobressaiu como vencedor dessa luta, que agora tinha passe livre para solicitar a moça em casamento sem empecilhos ou concorrência. Pois havia ganhado o duelo e passe “livre” para continuar morando no vilarejo. Contudo, Rodrigo não imaginaria as lutas e conflitos que enfrentaria ao longo de sua vida, que não foi muito longa. Inserido em um contexto de guerra, Rodrigo finalmente compreende seus desejos e propósito: morrer com dignidade, como um homem Cambará de verdade.

É nesse horizonte que se insere o Capitão Rodrigo Cambará, personagem central deste estudo, cuja construção heroica pode reunir elementos do mito, do épico e do cotidiano. Rodrigo surge como síntese contemporânea dessas tradições: um herói que, embora não pertença aos domínios da mitologia ou das grandes navegações, mas que encarna a coragem, o conflito, a paixão e a resistência que, pode ser resultado do atravessamento o imaginário humano desde as primeiras narrativas heroicas. Assim, compreender o Capitão Rodrigo é também compreender como o conceito de herói se transforma, se adapta e continua a desempenhar funções essenciais no campo literário, contribuindo direta ou indiretamente na construção heroica do Capitão Rodrigo Cambará.

3 ORIGENS DO PERSONAGEM

Em muitas abordagens críticas no campo da literatura, o ponto de partida deve ser a obra literária em sua essência. Contudo, podemos considerar como auxiliares outros textos que apresentam relevância ao conteúdo em questão. Sendo assim, antes de realizar a análise literária, é interessante abordar a respeito da visão do autor, durante, ou antes, da produção do livro. Considerando isso, em *Solo de clarineta* por Érico Veríssimo (1995), o autor manifesta uma parte da sua história de vida e consequentemente da criação de algumas das suas obras, apontando eventos cruciais em sua jornada como escritor. Comentando quanto a suas inspirações para criação e estruturação de um dos seus maiores escritos, a trilogia, *O tempo e o vento*. O escritor, por sua vez, exprime seus pensamentos quando questionado de onde tira suas personagens, diz que:

Nada do que nos vem à mente é gratuito. Não é possível nem creio que seja aconselhável tentar criar do nada, esquecer as nossas vivências, obliterar a memória. Muitas vezes, leitores me perguntam verbalmente ou por carta se costumo tirar minhas personagens da realidade, isto é, se trabalho d'après nature, fotografando a vida. Minha resposta é negativa. Acho o processo de copiar a vida barato e de certo modo indigno. [...] Na minha opinião, o ficcionista legítimo é um tipo de peixe capaz de sobreviver quando fora das águas da autobiografia. Esta ideia não entra absolutamente em conflito com o que escrevi há pouco a respeito das figuras humanas da vida real que me inspiraram certas personagens de *O Tempo e o Vento*. (Veríssimo, 1995, p.304).

Sendo assim, o autor apresenta uma dualidade em deixar-se influenciar nas presenças reais de indivíduos ao seu redor, mas exprime a ideia de que, mesmo inspirando-se nelas, procura não deixar evidenciado qual foi sua inspiração. Dessa forma, Veríssimo atribui tais reflexões para a criação do personagem Capitão Cambará, que possui um aspecto identitário quase que psicológico, uma expressão dos íntimos desejos e pensamentos de Veríssimo.

Talvez eu não esteja muito longe da verdade se disser que, antes de ter corpo e nome, o Capitão Rodrigo era uma ideia no meu cérebro — de certo modo o símbolo duma rude estirpe e duma era áspera. Às vezes, leitores me perguntam que pessoa da vida real me serviu de modelo para essa personagem, e eu respondo com a maior sinceridade que o marido de Bibiana deve ser um tipo compósito, produto de maquinações do inconsciente. (Veríssimo, 1995, p. 307).

Ou seja, o personagem é fruto de pensamentos e anseios que não tiveram a oportunidade de se concretizarem. Anseio por desfrutar de aventuras? Não se pode dizer ao certo quais foram as motivações concretas do autor. Contudo, partindo das afirmações de Veríssimo (1995), pode ser interpretado que a criação do personagem, resultou em um Capitão Cambará líder

carismático, galanteador, corajoso e afrontoso, mas que apresenta-se como homem de falhas e contradições em suas ações. Sua trajetória pode ser comparada a de muitos heróis, que percorrem por conflitos do eu e do meio social onde estão inseridos.

3.1. Jornada do herói

Com base nas reflexões anteriores, aprofunda-se a análise das questões centrais desta pesquisa: compreender as características do personagem Capitão Rodrigo Cambará, considerando arquétipos do herói na literatura e a trajetória do herói literário. Rodrigo não é apenas um personagem marcante, mas uma chave interpretativa para entender como se reconstrói o heroísmo no contexto do Continente vol.1. Sua presença em Santa Fé desencadeia conflitos, paixões e rupturas que dialogam entre o individual e o coletivo, entre mito e história. Assim, o personagem é visto como um herói em seu tempo.

Ao entendê-lo como herói, deve-se considerar que ele atrai e desestabiliza, abrindo espaço para questionar fronteiras entre coragem e fraqueza, honra e ignorância, fúria e liberdade. Essas tensões atravessam toda a narrativa e são centrais para a análise de seu percurso como figura heroica.

A partir dessas interpretações, existem várias vias de investigação; uma delas é a interpretação literária, embasada em teóricos específicos, como é o caso deste trabalho. Com esse objetivo, surgem diversos questionamentos sobre as atitudes do Capitão, tal qual aponta Motta (2011): um anti-herói é múltiplo e contraditório, uma espécie de herói-síntese do bem e do mal.

Sendo assim, ao compararmos tais características a Rodrigo Cambará, percebe-se que tais atributos não são totalmente relacionáveis ao personagem. Por exemplo, com relação à perversidade, o personagem age de forma contrária, fundado por lealdade, honra e proteção dos mais vulneráveis. Ou seja, quando desafiado a lutar e enfrentar alguém, busca seguir uma lógica de honra, justiça e autodefesa, hipoteticamente provindas desde os seus antepassados, no contexto do Rio Grande do Sul. Como, por exemplo, nos momentos a seguir, em que Rodrigo e Bento duelam pela companhia de Bibiana:

Bento Amaral Interrompeu- o:

—Com certos tipos a gente só resolve as coisas de homem pra homem.

—Vocês estão vendo. Esse moço está me provocando...

[...] E dizendo isto Bento avançou brandindo a adaga. Os ferros se encontraram no ar com violência e tiniram. No primeiro momento, Rodrigo teve de recuar alguns passos,

mas logo firmou o pé no chão e desviou todos os pranchaços do outro. Bento quis atingir-lhe a cabeça com o lado da adaga, mas o capitão aparou o golpe no ar com tal firmeza, que a arma do adversário se lhe escapou da mão e caiu ao solo. Rápido, Rodrigo deu-lhe um pontapé e atirou-a longe, fora do alcance de Bento, que começou a recuar devagarinho, arquejando como um animal acuado.
—Pode pegar a adaga! — gritou-lhe Rodrigo. — Não brigo com um homem desarmado! (Verissimo, 1995. p.229 e 234).

A violência presente em Capitão Rodrigo e nos demais personagens não se configuram como perversidade ou crueldade, mas como prática histórica e comum de um homem inserido em um contexto de soldados em guerras locais no século XIX, guiado por um código de honra de seus antepassados.

Pode-se interpretar que o personagem é uma tradução literária da dualidade e hipocrisia da sociedade em seu tempo, ou que um herói não precisa, ou em si não há possibilidade, de ser puro e centrado, por ser um ser humano. Haveria a probabilidade do contrário, se o personagem não fosse de origem humana, mas esse não é o caso, o que em primeira análise encontra-se no personagem, ou o que supõe-se, é um misto de arquétipos heroicos em um único personagem.

Sendo assim, é pertinente realizar uma análise da jornada do herói, utilizando como fonte norteadora a teoria de Joseph Campbell (2007) na obra *O herói de mil faces*, abordando acerca dos heróis que em geral possuem quase os mesmos percursos ou ciclos, passando por etapas semelhantes, nas quais o herói é chamado a deixar seu mundo comum e embarcar em uma aventura, ou quando o herói é testado e enfrenta provas para seu amadurecimento, para enfim voltar transformado e trazer algo de valor ao seu mundo original.

Posto isso, a partir da teorização de Campbell (2007), a figura do herói é apresentada em etapas ou ciclos, que vão sendo construídos ao longo da jornada do herói, ou seja, não é estabelecido ao longo da narrativa em qual momento o personagem adquire o título heroico. Mas sim, se dá conforme uma condição elaborada ao longo da história do personagem. Neste caso, a trajetória heroica do Capitão consiste em um processo lento, o qual se caracteriza por um processo lento e permeado por eventos cruciais para seu enfim ápice heroico. Percorrendo processos internos e externos, começando com um chamado a deixar seu mundo comum e embarcar em uma aventura, marcada pela saída de Rodrigo das bandas orientais, para o mundo afora, que o leva para Santa Fé. Seguindo um destino incerto, de lutas e preservação de sua honra.

Partindo desses conceitos, Rodrigo Cambará apresenta-se no início do capítulo de forma misteriosa, um capitão vindo de muitas guerras, posto em condições de uma vida cotidiana em

uma vila tranquila e silenciosa. No qual, através de uma longa conversa com o padre da vila, para que Rodrigo revele alguns de seus ideais. Vejamos uma conversa de Rodrigo com Padre Lara:

— Padre, é melhor vosmecê ir logo dizendo o que quer. Isso de dar voltas é lá com o Rio Ibicuí. Gosto de gente que vai direto ao assunto. O que é que vosmecê quer mesmo comigo?

— Para lhe ser bem sincero, Capitão, o que eu queria era fazer que vosmecê parasse de cantar e tocar violão.

— É pecado cantar e tocar?

— Em certos lugares e em certas ocasiões é. Não sabe que hoje é dia de Finados?

— Há! mas por que não me disse logo?

— Vosmecê podia se eu ofender.

— Nunca me ofendeu quando me pedem. Fico esquentado quando querem me mandar. Se me pedem com bons modos, faço. Se me dão ordens brigo.

[...]

— Capitão...

— Vosmecê é um soldado, não é?

— Vosmecê um padre...

— Espere, estou falando sério. Como militar vosmecê sabe que num batalhão tem de haver disciplina, o soldado tem de obedecer ao seu superior.

— Naturalmente

[...]

— Padre desembuche duma vez!

— Se vosmecê chega a um povoado como o nosso, não pode proceder como se estivesse ainda num campo sem dono nem lei. Tem de se submeter às autoridades.

— E quem é autoridade aqui?

— O Cel. Ricardo Amaral Neto.

— Era bem o que eu esperava - concluiu Rodrigo.

[...]

— Então deixe que eu lhe dê um conselho.

Por que será que toda a gente nesse povoado acha com direito de me dar conselhos? - Pensou Rodrigo.

— Pois venha de lá esse conselho. Disse em voz alta, enquanto o rabo dos olhos via um vulto de homem assomar à casa de Bibiana.

— Encilhe o seu cavalo e vá embora amanhã.

— Até vosmecê padre, padre?

— Ouça o que eu estou lhe dizendo

— Mas por quê?

— Porque Santa Fé não é lugar para um homem de seu temperamento.

[...]

— Não. Mas sei que vosmecê é um homem que veio de muitas guerras, gosta de jogo de mulheres e de bebida.

— E quem não gosta?

— Tivemos outros casos ainda ano passado.

Rodrigo interrompeu-o:

— Palavra de homem que não compreendo, padre.

— Pois eu compreendo. Tudo está claro como água.

(Verissimo, 1995, p. 198 a 201).

Em uma das passagens do capítulo, em conversa com o padre da cidade, Rodrigo Cambará expressa seu temperamento ao mesmo tempo livre e aventureiro. Nessa conversa, os personagens tratam de temas que envolvem os hábitos de uma cidade de interior (como o de não

haver músicas felizes no dia de finados), a necessidade de disciplina e respeito às autoridades locais da vila, e o comportamento boêmio do forasteiro. A todas essas questões o Capitão se mostra em um embate que tem como pressuposto o seu próprio código moral

Sabendo disso, a paciência do personagem é constantemente colocada à prova, revelando um traço fundamental de sua personalidade, a recusa em renunciar a suas próprias decisões. Ao optar por permanecer na vila, mesmo diante das tentativas predominantes de expulsão, Rodrigo afirma seus anseios em permanecer na vila que escolheu “aquietar-se”, características recorrentes de arquétipos heroicos marcados pela ação e pela resistência à imposição externa. Aspectos esses que podem relacionar-se com arquétipos de herói guerreiro, herói rebelde e herói errante.

Compreendendo tais apontamentos, o personagem segue uma linha de luta por seus sentimentos. Ocasionalmente um duelo com seu eminente inimigo mortal, resultando evidentemente em sua vitória, pois seu maior objetivo era derrotar Bento Amaral, colocando em jogo a honra de seu inimigo. Resultando em uma face marcada pela vergonha.

—Vou te botar minha marca na cara, pústula!

— Vou te tirar as tripas para fora, corno!

[...]

— Te prepara, porco! — gritou Rodrigo. — É agora.

E riscou-lhe verticalmente a face. o sangue brotou do talho. Bento gemia, sacudia a cabeça e houve um momento em que seu sangue respingou o rosto de Rodrigo e uma gota lhe entrou no olho direito, cegando-o por um breve segundo.

— Falta a volta do R!

E nu golpe rápido no rosto fez uma pequena meia lua, às cegas. Bento cuspiu-lhe no rosto, frenético, e num repelão safou-se e tombou de costas, deixando cair a adaga.

Rodrigo imaginou que ele ia levantar-se, apanhar de novo a arma e voltar ao ataque. Mas Bento, sentado no chão, com a mão no rosto, ficou a olhar atarantadamente para todos os lados. Os sapos continuavam a coaxar. Vaga-lumes passavam entre os dois inimigos. Uma ave noturna saiu de dentro do cemitério e sobrevoou a coxilha, num seco ruflar de asas.

— Não vou te matar, miserável — disse Rodrigo. — Mas não costumo deixar serviço incompleto. Quero terminar esse R. Falta só a perninha...

E caminhou para o adversário, devagarinho, antegozando a operação, e lamentando que não fosse noite de lua cheia para ele poder ver bem a cara odiosa de Bento Amaral. (Veríssimo, 1995, p.234-235).

Partindo deste trecho, percebe-se que o duelo entre Rodrigo Cambará e Bento Amaral representa aspectos simbólicos marcantes, nos quais a violência ultrapassa o plano meramente físico e assume dimensão moral. Ao optar por marcar a face de seu adversário, em vez de matá-lo, Rodrigo inscreve no corpo do inimigo a vergonha pública, reafirmando uma conduta de honra própria. Podem existir influências do convívio social, já que todo ser humano carrega consigo características sociais propostas pelo ambiente em que está ou esteve inserido. No

entanto, não fica evidente de qual comunidade Cambará herdou as heranças culturais apresentadas neste trecho.

Tais gestos de Cambará podem estar atrelados a possíveis modelos de heróis de seu tempo, guerreiros ou um espelhamento em seus ancestrais que lutaram bravamente. Sabendo disso, por meio do trecho citado acima, o personagem se aproxima dos aspectos de heróis clássicos, marcados pela ação guerreira e pela vitória no combate direto, conforme aponta Campbell (2007).

Em sua trajetória, Rodrigo é marcante por ser um homem de personalidade forte. Porém, essa característica não o impede de agir por caridade ou com propósitos sociais. No caso de Rodrigo, isso é exatamente marcando sua trajetória como herói, pois em sua primeira luta, voltava-se inteiramente em prol de seus próprios objetivos, nesse caso de poder ter a liberdade de conquistar sua amada e também estabelecer-se na vila de Santa Fé. Ao longo do tempo, os fatos foram se alterando, de modo que o personagem demonstrava concepções que sugeriam uma cumplicidade com os mais necessitados, conforme fica explícito na passagem subsequente, na qual ocorre um diálogo com o Padre Lara.

— Vosmecê sabe como ele trata os escravos... Para ele negro não merece ser considerado gente.

[...]

— Iguais? Até os negros?

— Até os negros, claro.

— Então por que é que vosmecê nunca protestou contra a escravatura?

[...]

— Nada disso, padre! Sou contra a escravatura só por uma coisa. É que não gosto de ver homem rebaixado por homem. Nós os Cambarás temos uma lei: nunca batemos em mulher nem em homem fraco; nem nunca usamos arma contra homem desarmado... (Verissimo, 1995, p. 263).

Neste trecho, Rodrigo traz em suas falas uma visão ética relacionada a como devem ser tratadas certas situações, sendo elas a visão de que mulher não deve sofrer agressão física, defende que os fracos devem ser protegidos, e não o contrário, e expressa sua opinião acerca da escravidão no Brasil, questionando até mesmo certas atitudes percebidas do padre na vila de Santa Fé (Verissimo, 1995). Essas críticas, conforme o diálogo dos dois personagens acima, claramente são posicionamentos contrários aos líderes locais, que “supostamente” agem de forma injusta e moralmente duvidosa.

Partindo disso, Rodrigo segue sua vida pacata na vila, um normal que consequentemente o incomoda, por estar acostumado a viver em aventuras. Porém, os negócios, de vendas que

Rodrigo juntamente com seu cunhado geriam, iam mal. Possuindo ainda a fama de mulherengo, afetando sua vida social e parental, pois tais comportamentos ocasionaram que seu sogro “cada vez mais se afastava do genro, cujo comportamento ultimamente se havia deteriorado de tal maneira, que era por assim dizer o assunto predileto de Santa Fé” (Veríssimo, 1995, p. 266). Neste momento da história, a narrativa foi direcionada na visão da esposa de Rodrigo, que não deixou que tal fato afetasse seu grande amor. Sabendo dos vícios e traições do marido, Bibiana escolhe acreditar em suas próprias verdades.

Seus pensamentos, porém, voltavam sempre para o marido, não podia esquecê-lo quando ele estava ausente. Aquilo era um vício. Havia pessoas viciadas em pitar cigarro ou cachimbo, pessoas viciadas no jogo de cartas ou na bebida. O vício dela era Rodrigo. Suportaria tudo, se sujeitaria a todos os rebaixamentos contanto que ele não fosse embora. Os habitantes de Santa Fé comentavam os defeitos de Rodrigo, mas se fossem justos não deviam esquecer suas boas qualidades. Ele era honesto, leal e tinha bom coração. Durante aqueles dois anos de casamento — refletia Bibiana — aconteceram muitas coisas que lhe revelaram o lado bom do marido. O capitão gostava de ajudar os pobres e era mão-aberta incapaz de fazer papel feio por causa de dinheiro. (Veríssimo, 1995, p. 269).

Em determinado tempo, Cambará encontra-se em crise, pois não havia guerras nem lutas que pudesse vivenciar com intensidade e dedicação. Ocasionalmente a sensação de que bebidas alcoólicas e jogos de aposta poderiam lhe proporcionar a sensação que tanto buscava. Em determinado dia, sua filha mais nova, Anita, apresenta-se muito doente, causando preocupações em Bibiana, que chama o marido para fazer companhia à filha, caso a mesma falecesse, entretanto:

— Capitão, D. Bibiana mandou dizer pra vosemecê ir pra casa. Sua filha está muito mal.
 — Já vou! — disse Rodrigo. — Mais uma mão.
 [...]
 Tinham-no chamado porque a filha estava mal e ele não atendera ao chamado. Uma paixão doida pelo jogo prendera-o à mesa. Já agora, não sabia como fora capaz de fazer aquilo. Amava a família, não era nenhum monstro. Daria um braço, uma perna, um olho para salvar a vida dos filhos.
 [...]
 Rodrigo aproximou-se do berço da filha e viu que Anitta tinha a cabeça coberta por um lençol.
 — Faz mais duma hora que a menina morreu.
 [...]
 De repente, um soluço lhe rompeu do peito, e ele caiu sobre uma cadeira chorando desatadamente e cobrindo o rosto com as mãos.
 [...]
 Depois daquela noite horrível em que Anita morrera, ele tinha mudado por completo. Vivia em casa, tratando a família com carinho e não bebia nem jogava mais.
 (Veríssimo, 1995, p. 284 à 287).

Após este fatídico acontecimento na vida de Rodrigo, o personagem passa por uma espécie de amadurecimento em sua trajetória como homem. O personagem é levado simbolicamente a um estado de desordem mental e escolhas que o levam a tomar atitudes impulsivas, de prazer imediato, sem medir custos ou consequências, ocasionando em resultados desastrosos, provindos de suas escolhas passadas. Partindo dessas ideias, pode-se interpretar que o personagem encarna as escolhas e os valores da sociedade em que está inserido, especialmente na vila de Santa Fé. Dessa forma, sua trajetória individual parece refletir, simbolicamente, o próprio destino da comunidade.

Partindo disso, Campbell (2007) aponta que a jornada do herói implica um processo de amadurecimento psicológico, no qual o personagem enfrenta conflitos internos e impulsos regressivos que representam a necessidade de abandonar formas antigas de identidade, possibilitando sua transformação ao longo da narrativa. Nesse sentido, Rodrigo, ao permitir-se a entrega dos vícios em jogos e à bebida, seguida por uma travessia noturna em meio à escuridão, ao vento e à confusão mental, pode ser símbolo da jornada interior do personagem, representada pela perda da filha, como experiência limite que o força a rever seus valores. Sendo assim, após esse acontecimento, observa-se uma transformação efetiva em sua conduta, caracterizando um estágio de amadurecimento como ser humano.

Após esses acontecimentos, a situação pelas proximidades da vila não procede harmoniosamente, seguindo assim para um contexto de guerra, tendo início em Rio Pardo, e estendendo-se para as vilas e comunidades ao redor. Nas quais os líderes da vila de Santa Fé posicionaram-se a favor do governo central, liderados por Fernandes Braga, que de tempos em tempos exigia da população impostos abusivos, causando revolta em todo o Brasil. Sabendo disso, Pedro Terra, sogro de Rodrigo, em uma reunião legislativa provincial, comandada pelas autoridades da vila, resolveu expressar sua indignação:

— Alguém tem alguma coisa a dizer contra a minha proposta?

— Eu tenho.

[...]

— Acho que este assunto deve ser muito bem pensado.

— Não pode haver dois pesos e duas medidas! Ou estamos com a legalidade ou estamos com os desordeiros que querem nos entregar aos castelhanos.

[...]

— Vosmecê não propõe coisa alguma! Esta Câmara representa o governo. Não é uma Câmara de traidores.

[...]

— Mas eu voto contra.

[...]

— Vosmecê está preso! (Veríssimo, 1995, p.291 á 292)

Tais atitudes contra o governo desencadearam a desordem na cidade, Rodrigo que acompanhava toda a situação, resolve por adentrar nesse novo contexto de guerra, mas diferentemente da situação anterior, sua missão aqui é em prol dos direitos dos mais fracos e da população que não suportava tais condições que seguiam contra a população. Movido pela “herança” heroica, Rodrigo sai em busca de novas aventuras e consequentemente em prol da justiça, movida a partir de seus valores éticos.

A venda estava fechada. A espada de Rodrigo não se achava mais pendurada na parede da varanda, e o cavalo não estava no quintal.

[...]

— O Rodrigo a essa hora está muito longe — murmurou Bibiana.

[...]

— Quando foi que ele saiu?

— A noite passada.

— Como é que estava? Abatido?

Bibiana sorriu melancolicamente:

— Estava louco de contente. Parecia que ia para uma festa.

[...]

Rodrigo comentara muitas loucuras. Botara dinheiro fora com jogo e mulheres, cuidara mal do negócio, fizera Bibiana sofrer. Era estabonado, esquentado, e onde ele estivesse sempre havia perigo de barulho. Não tinha meio termo: com ele era risada ou choro, beijo ou bofetada, festa ou velório.

[...]

— Pra onde será que ele foi?

— Decerto foi se reunir com a gente do Cel. Bento Gonçalves [...]

(Veríssimo, 1995, p. 293 a 294).

A partida de Rodrigo para se unir aos revolucionários, marca uma nova fase em sua trajetória heroica, na qual suas ações deixam de ser impulsivas ou desordenadas, para assumir posições éticas com fins coletivos, contudo, ainda mantendo motivações pessoais, nesse caso a busca por aventuras. Conforme aponta Feijó (1984), o herói distingue-se por agir movido por um código de valores próprio, aceitando o risco e a instabilidade como o risco à própria vida, sendo assim, quando o herói age em prol de um propósito maior, suas motivações podem exceder a de sua própria vida.

Nesse sentido, ao abandonar a calmaria e retornar ao cenário de conflito, Rodrigo volta a seu instinto de guerreiro, não como fuga da vida cotidiana, mas como uma forma de resposta ao chamado de herói. Segundo Campbell (2007), o herói só se realiza plenamente ao aceitar a aventura que o reconecta ao seu propósito fundamental. A serenidade com que Bibiana reconhece sua partida e a descrição de que Rodrigo “parecia que ia para uma festa” (Veríssimo, 1995) reforçam que, naquele momento, o personagem alcança o auge de sua identidade heroica,

no qual viver ou morrer como soldado representa não um destino trágico, mas uma escolha consciente, por uma causa maior. Partindo disso, Rodrigo sai em busca de justiça e consequentemente de aventuras, deixando Bibiana a sua espera. Onde mesmo seu irmão a chamando, ela recusa retirar-se, pois possui esperanças que o marido volte para vê-la.

Seguidamente, a revolução chega à vila de Santa Fé, com ela a certeza de que Rodrigo logo apareceria por ali. Os barulhos de tiros soavam por toda parte, em dado momento Rodrigo chama por Bibiana, concluindo finalmente com suas intuições. O capitão descansa brevemente e volta para o campo de batalha, “— Capitão, está tudo pronto!” (Veríssimo, 1995, p.304). Por fim, O herói encaminha-se para a penúltima etapa, a ressurreição, ou seja, a batalha final, descrita na teoria de Campbell (2007), onde Rodrigo promete voltar para casa só após enfrentar seu grande inimigo, Bento Amaral, no qual seu objetivo agora não passa somente de seus desejos pessoais, mas sim por propósito bem coletivo:

— Tenho que terminar aquele servicinho. Parece mentira que foi preciso uma guerra civil para eu poder marcar o rabinho do R na cara do Bento.
 — Rodrigo!
 Ele a tranquiliza com um sorriso.
 — Estou brincando, minha prenda. A cara daquele canalha não me interessa agora. Mas precisamos tomar o casarão.
 [...]
 — Por amor de nossos filhos, Rodrigo, tenha cuidado.
 Ele tomou a beija-la na testa, nos cabelos, na boca, dizendo:
 — A vida vale mais que uma pontada de onças. A gente passa trabalho numa guerra, mas se diverte muito.
 Apanhou a espada, que deixara sobre a mesa, e exclamou:
 — Me frita uma linguça que já volto. Até logo, minha prenda!
 (Veríssimo, 1995, p. 304).

Com a chegada da revolução à vila de Santa Fé, concretiza-se o retorno de Rodrigo ao espaço doméstico apenas como passagem para a batalha final. Diferentemente do herói prudente, o capitão demonstra entusiasmo diante do confronto, chegando a encarar a guerra com certo tom festivo. Sua fala — “A gente passa trabalho numa guerra, mas se diverte muito” (Veríssimo, 1995, p. 304) — evidencia que o conflito não representa apenas um dever político, mas também a realização de sua própria natureza aventureira.

Nesse momento, pode-se aproximar o percurso do personagem da etapa da “ressurreição”, descrita por Campbell (2007) como o confronto decisivo que antecede o desfecho da jornada heroica. Contudo, diferentemente do modelo mítico tradicional, em que o herói supera a prova final e retorna transformado, Rodrigo encontra na batalha não a consagração, mas a morte.

Ao liderar o ataque ao casarão e ser um dos primeiros a avançar sobre o inimigo, o personagem confirma seu perfil impulsivo e combativo. Sua morte em combate reforça a construção de um heroísmo marcado pelo excesso e pela entrega absoluta à ação. Assim, a jornada não se conclui com o retorno físico ao lar, mas com a permanência simbólica de sua imagem na memória coletiva de Santa Fé.

Desse modo, a narrativa subverte parcialmente o modelo campbelliano: Rodrigo cumpre as etapas da aventura e do confronto final, mas seu retorno ocorre apenas no plano da lembrança, consolidando-o como mito local e, ao mesmo tempo, como herói trágico.

3.2. A reconfiguração do herói épico em Rodrigo Cambará

De acordo com as características citadas acima, pode-se interpretar que Cambará tenha alguns aspectos de um herói épico. Seguindo os conceitos de Feijó (1984) acerca da percepção de um herói épico, é possível identificar em Rodrigo Cambará traços associados a esse arquétipo heroico, mesmo sendo em contexto histórico e regional específico, uma vez que o mesmo teórico diz que “o herói épico, próprio da narrativa que envolve uma nacionalidade como um todo, não foi privilégio dos gregos. Podemos encontrá-lo entre os hindus, os hebreus, os persas, os romanos antigos, os árabes, assim como nos diversos reinos medievais” (Feijó, 1984, p. 36).

Argumenta-se, na análise aqui proposta, que Capitão Rodrigo, assim como os heróis das narrativas épicas, surgidos no meio de um contexto de guerreiros, alicerçados pelo princípio da honra, pela coragem, valentia e “a qualidade principal do herói épico era o que os gregos chamam de *areté* (virtude): aquele que se mantém fiel a si mesmo” (Feijó, 1984, p. 36). Ao relacionar-se com Rodrigo, percebe-se que sua conduta revela a fidelidade a si mesmo, uma vez que o personagem mantém-se coerente com seus valores, mesmo diante de conflitos sociais. Suas escolhas sempre serão baseadas por meio de uma honra de guerreiro, nesse caso, da família Cambará, que o impulsiona a exercer seu chamado de herói, assim como foi citado acima, em seu ato final.

Desse modo, embora o Cap. Cambará não se encaixe na forma completa de um herói épico clássico, Rodrigo, por meio do autor Érico Veríssimo, atualiza esse arquétipo, ao ser criado com aspectos universais, de superação dos limites individuais. Característica que ultrapassa os contextos históricos das narrativas épicas tradicionais, traduzida por meio de um personagem

complexo.

Com base nisso, um personagem que possui arquétipo de herói épico é Aquiles, presente no poema “*Íliada*”, atribuído a Homero. Possuindo assim, características semelhantes às de Aquiles, é possível perceber que ambos os personagens aparentemente foram lançados em contexto de guerra desde o princípio de suas vidas. Aquiles, destinado a lutar na grande guerra de Tróia, e Rodrigo, seguindo o destino dos Cambarás, lutando em muitas guerras desde jovem. “— Sentei praça com dezoito anos e em 1811, andei com as forças que invadiram a Banda Oriental.” (Veríssimo, 1995, p.176).

Seguindo os conceitos de Feijó (1984), Aquiles conduz suas ações por um código de honra guerreira, no qual a glória (*kléos*) obtida no campo de batalha é mais significativa do que a própria vida, semelhantemente como também podemos encontrar em Cap. Rodrigo, que constrói sua identidade a partir de um ideal de bravura e reconhecimento por seu chamado à aventura, demonstrando desprezo pelo medo e pela prudência excessiva, características que reforçam sua imagem de homem destemido e disposto a adentrar em confrontos.

Partindo dos conceitos mencionados anteriormente, é possível aproximar Rodrigo Cambará, personagem de *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, a outras figuras heroicas da tradição literária, como Vasco da Gama, apresentado em *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. É importante destacar, no entanto, que esses personagens pertencem a períodos históricos e contextos estéticos bastante distintos. Enquanto Vasco da Gama integra o universo épico renascentista português, Rodrigo surge no romance modernista brasileiro do século XX. Assim, a comparação não pretende colocá-los no mesmo plano, mas serve como uma tentativa de aproximar características fundamentais do tipo heroico em análise.

Sendo assim, Vasco da Gama é construído como um herói idealizado e inspirador, marcado pela coragem, liderança e estratégia, características que reforçam um ideal heroico voltado à exaltação nacional. Enquanto Rodrigo Cambará, apresenta traços que remetem ao herói épico, bravura, imponência e forte presença, mas é representado com maior complexidade, ressaltando a hipocrisia e dualidade de um homem comum. Diferentemente do herói clássico, Cambará carrega ambiguidades e contradições: demonstra lealdade aos próprios valores e à família, mas apresenta comportamentos questionáveis no campo amoroso, ao não se conter a uma única amada, ainda que jamais cogite abandonar sua esposa e seus filhos. Desse modo, a comparação evidencia que o modelo de herói não permanece estático, mas se transforma

conforme o contexto histórico e literário, assumindo novas camadas de significação.

3.3 Contradições ao aspecto trágico

Conforme teorizado ao longo do trabalho, Capitão Rodrigo Cambará poderia ser comparado com vários arquétipos heroicos. Que, ao relacionar a tragédia com um romance moderno, podem até demonstrar semelhanças, porém perdem a sua efetividade quando comparadas. Ou seja, o mito de Édipo possui uma narrativa construída em um contexto muito específico, tendo sua jornada marcada por um nascimento sob o peso de um destino que não tende a mudar mesmo quando o personagem desconhece do mesmo, nesse caso estando predeterminado ir contra a vida de seu pai, que por consequências do destino não o conhecia como figura paterna. Ocasionalmente a desposar a própria mãe, resultando em uma angústia que o consome, levando-o a um fim trágico, em que estaria condenado a isolar-se na própria cegueira, tendo seu desfecho trágico ainda em vida.

Conforme destaca Feijó (1984, p. 38), “no mito, o destino é alheio à vontade humana”, de modo que, no caso de Édipo, ele se impõe sobre todas as tentativas de fuga e resistência. Assim, quanto mais o herói luta para evitar a profecia de sua vida, mais contribui para a consumação de seu fim trágico, culminando no gesto extremo de auto cegar-se e exilar-se após a descoberta da verdade.

Por outro lado, Rodrigo segue sua narrativa, com a plena consciência de seu destino. Mesmo aparentando haver motivos não tão plausíveis e justificáveis para tais escolhas. Entretanto, o personagem não hesita em entregar-se ao seu destino em nenhum momento, pois sua motivação existencial é lutar e morrer em campo de batalha, presente na seguinte argumentação: “Na minha família, quase ninguém morre de morte natural [...] Os Cambarás homens têm morrido em guerra, duelo ou desastre. Há um ditado: "Cambará macho não morre na cama." (Veríssimo, 1995, p. 189). Diferentemente das características de fuga e relutância contra o fatídico destino, e o momento de (*Catarse*), descrito por Feijó (1984), presente na narrativa de Édipo. Em contrapartida, Capitão Rodrigo não hesita ao propor duelo ao seu inimigo e decide que sua presença é indispensável na revolução contra o governo:

— Quando foi que ele saiu?... — perguntou em voz baixa, batendo a pedra no isqueiro para acender o cigarro.
 — A noite passada.
 — Pr’onde foi.

— Não disse.
 — Como é que estava? Abatido?
 Bibiana sorriu melancolicamente.
 — Estava louco de contente. Parecia que ia para uma festa.
 — Deixou algum recado para mim?
 — Deixou. Disse para vosmecê desculpar ele, mas que essas coisas acontecem. Deixou o dinheiro da fêria na gaveta. Levou só uns patações, uma manta de charque e um saco de farinha. Ah! e uma garrafa de caninha.
 [...]
 — Decerto foi se reunir com a gente do Cel. Bento Gonçalves. Pelo menos era isso que ele dizia que ia fazer se rebentasse a revolução ... (Veríssimo, 1995, p. 293 á 294).

Dessa maneira, sua morte não representa castigo ou fracasso moral, que provém justamente de sua renúncia ao abandonar seus valores, resultando em um personagem humanizado, destinado a morrer como herói. Partindo disso, diferentemente da tragédia clássica, Rodrigo não vivencia um reconhecimento pleno de seu destino, pois deixa esperanças à esposa que ainda voltaria para casa “Apanhou a espada, que deixara sobre a mesa, e exclamou: — Me frita uma linguça que já volto. Até logo, minha prenda!” (Veríssimo, 1995, p. 304).

Dessa maneira, por meio da narrativa do Padre Lara e Bibiana, o leitor não tem exatamente quais os pensamentos e conclusões do Capitão Rodrigo. Tendo apenas a visão dos sobreviventes que refletem:

— Estou dizendo que Cap. Rodrigo era um homem. O Gen. bento Gonçalves vai ficar muito triste. — Soltou um suspiro. — Tenho a consciência tranquila. Eu bem que avisei o capitão. Era loucura tomar o casarão de assalto. Eles iam acabar se entregando. Era só esperar. Mas qual! O capitão queria porque queria. — [...] Nunca vi cristão que gostasse mais de brigar que o Cap. Rodrigo! (Veríssimo, 1995, p. 305)

Por fim, compreende-se por meio das teorias refletidas por Feijó e Campbell, que Rodrigo Cambará pode ser compreendido como um herói épico em formato ressignificado em um contexto de romance moderno, perpassando por uma trajetória de lutas, seja ela física ou mental, e revoluções sociais. Contrariando a perspectiva de uma aproximação ao herói trágico, mesmo possuindo aspectos ligeiramente semelhantes, como foi exposto ao relacionar Rodrigo à Édipo, sendo possível assemelhar apenas o destino traçado desde o começo de suas vidas, porém com desfechos e aceitações distintas, percebendo o distanciando de uma interpretação de fonte do mito trágico para com um romance moderno.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as reflexões apresentadas ao longo deste trabalho, o objetivo central consistiu em caracterizar o personagem Capitão Rodrigo Cambará, da obra *O Tempo e o Vento — O Continente I*, de Érico Veríssimo, buscando relacioná-lo aos arquétipos heroicos clássicos da tradição literária. Partindo disso, em primeira instância, esperava-se identificar o personagem a partir de modelos consagrados de heroísmo canônico. No entanto, ao longo da análise, tornou-se evidente que Rodrigo apresenta comportamentos contraditórios e atitudes moralmente questionáveis, o que demandou uma leitura mais cuidadosa e contextualizada de sua construção narrativa.

Partindo desse conceito, foram selecionadas diversas possibilidades de caracterização heroica, como por exemplo o herói clássico, épico, trágico, romântico e anti-herói, sendo todas consideradas a partir das teorias de Feijó (1984) e Campbell (2007) e outros estudiosos do mito e do heroísmo. Entretanto, a análise demonstrou que, embora o personagem dialogue com diferentes arquétipos, apenas um se destaca de forma mais consistente em sua trajetória: o herói épico.

Desse modo, por meio de leitura, interpretação e análise de bases teóricas e da própria obra em sua essência, foi possível perceber que o personagem Capitão Rodrigo, apesar de suas densas características, tem uma personalidade profunda que pode ser interpretada com dois tipos heroicos. Sendo eles o arquétipo de herói épico, podendo uma de muitas comparações ser comparada com Aquiles e Vasco da Gama, que carregam em suas histórias aspectos de honra, coragem, lealdade, luta por um povo em comum, a necessidade de realização e prioridade do eu, sem deixar que os motivos coletivos sejam irrelevantes.

Por fim, o arquétipo de herói trágico, ao ser associado a Rodrigo, possibilitou a conclusão, usando como base o herói clássico Édipo, que ambos possuíam destinos estabelecidos desde o início de suas vidas, entretanto possuindo apenas um desfecho trágico aos personagens, porém com diferentes características, onde um desconhece seu destino, e acaba sofrendo pelas consequências de seus atos; já outro personagem assume seu destino de forma heroica, como uma herança familiar, passada de geração em geração, que em análise, Rodrigo mostrou-se de forma alegre em busca de realizar o seu destino mortal, demonstrando sua motivação existencial, no qual para o personagem, se fez como uma forma de divertimento e realização.

REFERÊNCIAS:

- AGNOLETTI, Ana Cristina; **SOUZA, Márcia de**. Produção de sentido em O Continente: movimentos do tempo e do vento. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, n. 5, 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1511/986>. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2026.
- AMARAL, Marcelo Ramos. **Crise de identidade nas obras Vidas Secas e São Bernardo, de Graciliano Ramos**. CES/JF, Juiz de Fora. 2019.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Tradução de Maria J. V. Viana. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2000.
- DICIO. Dicionário Online de Português. **Significado de herói**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/heroi/>>. Acesso em: 19 nov. 2025.
- FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FRAZÃO, Dilva. **Érico Veríssimo Escritor brasileiro**. Ebiografia by Toda Matéria. 2024. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/erico_verissimo/>. Acesso em 03 de Novembro de 2025.
- INSTITUTO LING. **O tempo e o vento: o universo imenso de Érico Veríssimo vai além da identidade gaúcha**. Disponível em: <https://institutoling.org.br/explore/o-tempo-e-o-vento-o-universo-imenso-de-erico-verissimo-vai-alem-da-identidade-gaucha>. Acesso em: 18 out. 2025.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **A narrativa mediada e a permanência da tradição: percurso de um anti-herói brasileiro**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 38. Brasília, julho de 2011.
- OLIVEIRA, Nayra. **A construção da identidade heroica na personagem Capitão Rodrigo Cambará na obra O continente, de Érico Veríssimo**. Paraná: O método científico, 2013.
- RODRIGUES, João Victor Petroni. **Análise da jornada do herói de Vasco da Gama em Os lusíadas**. São Paulo: REGRASP, v.5, dez. 2020.

VERÍSSIMO, Érico. ***O Tempo e o Vento – O Continente***. 31.^a ed. São Paulo: Editora Globo, 1995.

VERÍSSIMO, Érico. **Solo de clarineta**: memórias - I. São Paulo: O Globo, 1995.